

* Doutorando Alexandre do Nascimento (Faculdade de Educação / UFF)

Conjuntura Educacional

O PVNC não é um movimento ligado à esquerda tradicional brasileira. O movimento precisa construir um campo de análise próprio.

A grande questão que se coloca no momento no MEC e a reforma universitária. Tanto a direita quanto a esquerda são conservadoras, contudo, a União Nacional dos Estudantes (UNE) está se abrindo para discussões como as ações afirmativas.

Só pode haver construção de conhecimento com quantidade e diversidade. E a partir daí que teremos qualidade.

Durante a década de 70 houve um declínio do estado de bem estar social com os direitos sociais, como saúde e educação, garantidos pelo Estado. O Estado de bem estar social nunca chegou ao Brasil, sendo seus pilares os Estados Unidos e a Europa. Os anos 70 foram de crise e os neoliberais percebendo deram uma solução que acabou virando um problema: privatizações, participação cada vez menor do Estado na garantia dos direitos sociais e etc. O Brasil entrou neste processo a partir do governo de Fernando Collor que incentivou a abertura do mercado brasileiro. Este projeto se aprofundou com o governo Fernando Henrique Cardoso.

Duas questões vêm esquentando os debates sobre a reforma universitária:

1 – Universidade para todos : Compra de vagas particulares pelo Estado que seriam destinadas para os excluídos: negros, ex – presidiários, deficientes, indígenas e etc.

2 – 50% de vagas nas universidades federais para os alunos de escola pública : O governo não quer as cotas. Elas são uma pressão da sociedade brasileira como um dos pressupostos para a democratização do ingresso nas universidades.

Uma questão política se coloca para o PVNC: influenciar na discussão. Há problemas de organização política. Uma pedagogia democrática não cria consciência, mas ajuda. É preciso implantar nos núcleos uma lógica de debates. Os coordenadores precisam tomar consciência e assumir seu papel de educadores ao lado dos professores.

A reforma universitária completa deve ir para o Congresso no final do ano. É preciso refletir como o PVNC vai entrar nesta discussão e suas possibilidades reais de pressão em Brasília.

Propõe encontros pedagógicos ou educadores.



Seminário da Regional Caxias, Mage e Petrópolis

Tema: A pedagogia no PVNC

Data : 16 de Maio de 2004

Local : Faculdade de Educação da Baixada Fluminense / UERJ

* Professor Marcio Flavio (Professor e Coordenador do núcleo Parque Equitativa)

Graduando em Geografia e Meio Ambiente / PUC-Rio

Práticas Pedagógicas nos Movimentos Sociais

Os movimentos sociais possuem metodologias diferentes nas suas práticas pedagógicas. O PVNC tem programado uma série de atividades para este ano.

A educação está na pauta do dia. Este fato se deve às reivindicações dos movimentos sociais, pois a educação está ligada à cidadania.

A educação nos movimentos sociais se dá em caráter informal. O MST tem uma escola de formação política. Este ano vai ser inaugurado em São Paulo o Instituto Florestan Fernandes, ligado ao MST, voltado para o ensino médio.

Dentro dos movimentos sociais a hierarquia é menor se comparado com o ensino formal. O conhecimento neste caso se adquire através da troca e do diálogo. A consciência política se constrói através deste diálogo. Nos movimentos a relação espaço – tempo é mais flexível.

O PVNC possui várias atividades como seminários, assembleias e conselhos além das aulas em sala. O movimento precisa pensar e passar o conhecimento formal, mas ele ultrapassa isto.

Um exemplo de parceria entre a universidade e os movimentos sociais é o curso de extensão "Realidade Brasileira" que está acontecendo na UFF. A pedagogia utilizada é a do MST enfatizando uma formação teórica e prática através do convívio. Vários membros de outros movimentos sociais, incluindo, o PVNC estão participando deste curso que irá até o final de 2005.

Debate:

Rodrigo (Petrópolis): Afirmou que poucos professores comparecem as reuniões do núcleo.

Ângela (Cora Coralina): A coordenação precisa estar unida para dialogar com os professores.

Fabiana (Petrópolis): As aulas de cultura e cidadania precisam ter um programa. O professor é voluntário por que quer. Ele tem que ter compromisso com o núcleo e como o movimento.

Fernando (Piabeta): Relatou que muitos professores são comprometidos com o núcleo. A coordenação de Piabeta sempre teve um bom diálogo com os professores, mas não existe um planejamento anual.

Paulo Roberto (Posse): Falta compromisso de alguns professores com o núcleo.

Ângela (Cora Coralina): Em muitos núcleos faltam professores o que obriga os coordenadores a precisar de professores que muitas vezes não querem saber de compromissos.

Ludmila (FEUDUC): Reafirmou a importância das aulas de cultura e cidadania e da formação de grupos de estudos nos núcleos, pois muitos alunos consideram algumas atividades do PVNC sem importância.

? (FEUDUC): Levantou a questão do papel do educador na sociedade brasileira. Os alunos vêem os professores como detentores do saber. Na verdade, os professores ganham muito mais com os alunos.

Roberta (FEUDUC): Os alunos ganham se existir uma monitoria. Esta experiência está dando certo na FEUDUC. É preciso sensibilizar os núcleos para depois começarmos a articular um encontro.

Silvio (Regional CMP): Defendeu a descentralização das coordenações. Muitos, não se preocupam com a formação de seus alunos e professores.

Roberta (FEUDUC): A falta de participação de professores e coordenadores é um problema do PVNC e não de um núcleo em particular.

Foi retirada a proposta de encaminhar um encontro de educadores do PVNC para o 2º semestre de 2004 ou para 2005. Fernando também lembrou que é preciso pensar na formação dos coordenadores.

* Professora Karina Lima da Silva (Professora e Coordenadora do núcleo Posse)

Graduada em História / UFRJ

Pratica pedagógica no PVNC

Há vários tipos de professores no atuando nos núcleos do PVNC: ex-alunos atuantes nas atividades do movimento, ex-alunos que participam apenas do cotidiano do núcleo, professores que conhecem o trabalho do PVNC e se engajaram na luta, professores que participam às vezes das atividades do núcleo, mas não querem envolvimento com o movimento e há aqueles professores que estão somente preocupados em freqüentar a sua aula e passar o conteúdo do vestibular. Não participam das atividades dos núcleos e muito menos do movimento.

Muitos dos professores, atuantes ou não, muitas vezes não concordam com posições definidas pelo coletivo do PVNC como: política de ações afirmativas, não financiamento e garantia de autonomia e rejeitam o próprio termo PVNC (Pré Vestibular para Negros e Carentes).

Isto acarreta dificuldades internas nos núcleos como: conflitos entre coordenadores e professores, dificuldades e rejeição por parte de muitos professores da implementação das aulas de cultura e cidadania, despreocupação, despreparo e rejeição dos professores com uma prática pedagógica em sala de aula que priorize a reflexão crítica, pois para estes, é preciso "adestrar" os alunos somente para passar no vestibular. Não se pode ignorar a influência dos professores no cotidiano dos núcleos.

O PVNC está em um momento de reflexão sobre as suas propostas políticas e pedagógicas, mas é preciso maior participação dos professores nesta discussão. Como aproxima-los do movimento?

Houve várias tentativas de encontro e discussões pedagógicas dentro do movimento desde a sua criação em 1993. No entanto, todas as tentativas foram isoladas. Faltou participação, motivação e um trabalho de continuidade. Contudo, é preciso insistir para uma aproximação com os professores.

Propõe um encontro de professores do PVNC tendo como público alvo os professores com uma programação voltada para as necessidades destes profissionais. A conclusão é que é preciso pensar atividades específicas para os professores e torná-los aliados. Isto tem que ser uma das prioridades do movimento.